CADERNOS AH!

#33

DESCRIÇÃO DE UM QUADRO
EXPLOSÃO DE UMA MEMÓRIA
PAISAGEM VIGIADA

HEINER MÜLLER

Descrição de um quadro
Explosão de uma memória
Paisagem vigiada
Heiner Müller

Tradução: Fernando Ramalho
Paginação: Fernando Ramalho
Fotografia da capa: Ingrid von Kruse, Berlim, 1962.

Heiner Müller (1929-1995) foi um poeta e dramaturgo alemão.

Outubro de 2025

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

Uma paisagem entre a estepe e a savana, duas nuvens colossais vogando pelo céu de um azul prussiano, como que sustidas por armações metálicas, ou por uma qualquer estrutura desconhecida, a maior, à esquerda, poderia ser um animal de borracha insuflado de um parque de diversões que se libertou das suas amarras, ou um pedaço da Antártida voando de regresso a casa, no horizonte uma cadeia montanhosa de baixa altitude, à direita na paisagem uma árvore, ou, num olhar mais atento, três árvores, cada qual de sua altura, em forma de cogumelo, tronco com tronco, talvez partilhando a mesma raiz, a casa em primeiro plano parece mais um pré-fabricado do que uma obra artesanal, provavelmente em betão: uma janela, uma porta, o telhado coberto pela folhagem da árvore que, em frente, se eleva sobre a casa, de uma espécie diferente do grupo de árvores ao fundo, tudo leva a crer que os seus frutos são comestíveis, ou apropriados para

envenenar convidados, uma terrina de vidro sobre uma mesa no jardim, ainda meio à sombra da copa da árvore, acomoda seis ou sete peças de citrinos, a posição da mesa, uma peça tosca feita à mão, as pernas em cruz são lenhos de bétula nova e em cru, sugere que o sol, ou o que quer que lance luz sobre aquele lugar, está no zénite no momento em que o quadro se fixa, pode ser que o SOL ali esteja sempre e POR TODA A ETERNIDADE: se está em movimento, não o podemos deduzir do quadro, tal como as nuvens, se é que são nuvens, talvez voguem sem sair do lugar e as armações metálicas sejam o que as prende a uma tela azul às manchas a que chamamos CÉU, uma designação tão arbitrária como qualquer outra, num ramo de árvore um pássaro, cuja identidade está oculta pela folhagem, tanto pode ser um abutre como um pavão ou um abutre com cabeça de pavão, olhar e bico voltados para uma mulher que domina a metade direita do quadro, a sua cabeça divide a cadeia montanhosa, o rosto suave, muito jovem, o nariz comprido, um inchaço na zona superior, talvez de um soco, os olhos postos no chão, como se não fosse capaz de esquecer uma imagem e/ou não quisesse ver outra, o cabelo comprido com madeixas, louro ou cinza claro, a luz crua não permite distinguir, traz um casaco de pele esburacado, cortado para ombros mais largos, sobre uma camisa esgaçada, provavelmente de linho, da qual, a certo ponto da manga direita, desfiada e muito larga, emerge um frágil braço

que ergue a mão à altura do coração, ou seja, do seio esquerdo, um gesto defensivo ou próprio da língua dos surdos-mudos, a defesa face a um terror conhecido, aplicado o golpe a pancada a estocada, disparado o tiro, a ferida já não sangra, a repetição cai no vazio, onde o pavor não tem lugar, o rosto da mulher torna-se legível, se a segunda suposição for a correcta, então é um focinho de ratazana, um anjo dos roedores, as mandíbulas moem cadáveres de palavras e detritos de fala, a manga esquerda do casaco esfarrapada como no rescaldo de um acidente ou de uma agressão por algo dilacerante, animal ou máquina, é estranho que o braço não esteja ferido, ou serão marcas de sangue as manchas castanhas na manga, será que o gesto da mão direita, com os seus dedos esguios, revela uma dor no ombro esquerdo, será que o braço, assim dependurado, está partido ou paralisado por uma ferida, o braço está cortado no pulso pelo limite do quadro, a mão pode ser uma garra, um coto, talvez com sangue ressequido, ou um gancho, a mulher está enterrada no vazio até aos joelhos, amputada pelo limite do quadro, ou cresce do chão como o homem sai da casa e por ele desaparece como o homem entra na casa, até que se dê o movimento irreprimível que despedaça a moldura, o voo, o motor das raízes lançando uma chuva de torrões e de águas subterrâneas, à mostra para cada olhar, quando o olho VIU TUDO e se fecha pestanejando sobre o quadro, entre árvore e mulher a única janela

grande escancarada, as cortinas a esvoaçar do lado de fora, o vendaval parece vir do interior da casa, nas árvores nenhum sinal de vento, ou a mulher atrai a tempestade que a aguardava na cinza da lareira, ou a seduz com a sua presença, algo ou alguém foi queimado, uma criança, uma outra mulher, um amante, ou será a cinza o que verdadeiramente resta de si própria, o corpo arrancado à profundeza dos cemitérios, o homem no vão da porta, o pé direito ainda meio pousado na soleira, o esquerdo já firme sobre o chão castanho manchado de erva, ressequindo sob um sol desconhecido, segura com a mão direita, braço esticado, como um punho de caçador, um pássaro pela zona onde se arranca a asa, a mão esquerda, de longos dedos tortos e trémulos, acaricia a plumagem que o medo da morte encrespou, o bico do pássaro rasgado num grito inaudível para o observador, mudo também para o pássaro pousado na árvore, ele não se interessa por pássaros, o esqueleto do seu semelhante na parede interna de veios negros, visível pela esquadria da janela, mas que ele não consegue ver da sua árvore, a ele não lhe diz nada, o homem sorri, o passo desliza, um passo que dança, não temos como saber se já viu a mulher, talvez seja cego e o seu sorriso a providência dos cegos, vê com os pés, cada pedra em que tropeça goza com ele, ou o sorriso do assassino que se prepara para cumprir a sua missão, a que o espera à mesa de pernas em cruz com a terrina de vidro cheia de frutos e o copo de vinho tombado

e partido onde ainda ondula o que resta de um líquido negro que alastra sobre a mesa e pinga no chão, formando uma poça, a cadeira de espaldar junto à mesa tem uma particularidade: as suas quatro pernas estão ligadas a meia altura por um arame, como que a prevenir que se desconjunte, uma segunda cadeira está caída à direita atrás da árvore, as costas partidas, o reforço de arame forma apenas um Z, não um quadrilátero, talvez uma tentativa prévia de fixação, que peso terá partido a cadeira e tornado a outra instável, um assassinato talvez, ou um acto sexual selvagem, ou as duas coisas ao mesmo tempo, o homem na cadeira, a mulher sobre ele, o seu membro na vagina dela, a mulher ainda mais pesada por causa da terra da sepultura de onde se evadiu para vir visitar o homem, da água subterrânea que escorre do seu casaco de pele, o seu movimento começa por um leve balançar, depois um cavalgar impetuoso e progressivo, até que o orgasmo esmaga as costas do homem contra o espaldar da cadeira, que cede estrepitosamente, as costas da mulher embatem na quina da mesa, fazendo tombar o copo de vinho, a terrina de vidro carregada de frutos começa a resvalar e, quando a mulher se lança para a frente, os seus braços abraçam o homem, os dele envolvem-na a ela sob o casaco de pele, ele finca-lhe os dentes no pescoço e ela a ele, elevando-se de novo quase a tocar o bordo da mesa, ou a mulher na cadeira, o homem de pé por detrás dela, as mãos a agarrar-lhe o pescoço

polegar com polegar, ao início como um jogo, só os dedos médios se tocam, depois, quando a mulher se empina contra as costas da cadeira, crava as unhas na carne dos braços dele, as veias do pescoço e da testa empolam, inunda-se-lhe a cabeça de sangue dando ao rosto um tom vermelho azulado, as suas pernas batem em convulsão no tampo da mesa, o copo de vinho tomba, a terrina de vidro resvala, o estrangulador fecha o círculo, polegar com polegar, dedo com dedo, até que as mãos da mulher se libertam dos braços dele e o leve estalar da maçã de adão ou da cervical revelam que a missão fora cumprida, talvez agora, sob o peso renovadamente morto, assim que o homem abra as mãos, cedam as costas da cadeira ou a mulher tombe para a frente, com o rosto de tom vermelho azulado, sobre o copo de vinho a partir de onde o líquido escuro, vinho ou sangue, procura o seu caminho para o chão, ou será que a sombra desfiada no pescoço da mulher, debaixo do queixo, resulta de um corte de faca, os fiapos o sangue seco da ferida de um lado ao outro do pescoço, as mechas de cabelo à direita do rosto igualmente negras do sangue entranhado, o que indicia que o assassino é canhoto, a sua faca escreve da direita para a esquerda, voltará a precisar dela, empola-lhe o forro do casaco, se o copo partido renascer dos cacos e a mulher se aproximar da mesa, sem cicatriz no pescoço, ou será a mulher, o anjo sequioso, que rasga à dentada a goela do pássaro, deixando escorrer

para o copo o sangue da sua garganta aberta, o alimento dos mortos, a faca não é para o pássaro, o rosto do homem tem a cor do chão até a altura dos olhos, a testa e a mão que se vê, a outra está oculta debaixo plumagem, são brancas como papel, quando actua ao ar livre talvez use luvas, porque não, então, no momento fixado no quadro, e algo parecido com um chapéu para se proteger do astro quente que ilumina a paisagem e lhe descolora a pele, de que será que se ocupa, além do homicídio talvez diário da mulher talvez diariamente ressuscitada, nesta paisagem os animais não surgem senão como nuvens, não há mão que os agarre, o pássaro na árvore é a última reserva, prende-o um chamariz, é inútil arrancar a erva, queimada pelo SOL, talvez por inúmeros SÓIS, os frutos da árvore onde está o pássaro colhem-se num ápice, foram os dedos trémulos do estrangulador a entretecer a rede de aço em torno da cadeia montanhosa, de onde apenas um cume branco como papel sobressai ainda desprotegido, uma barreira contra o desmoronamento das pedras que se libertam pela errância dos mortos no interior da terra, que são as pulsações secretas do planeta a que alude o quadro, protecção talvez com alguma hipótese de duração, logo que o crescimento dos cemitérios, com o pequeno contributo do presumível homicida da soleira, do pássaro na árvore, rapidamente digerido, há lugar na parede para o seu esqueleto, atinja o seu limite, ou será que o movimento se inverte quando

todos estivermos mortos, o tumulto das sepulturas no frémito da ressurreição que liberta as cobras da montanha, a mulher de olhar furtivo e boca de ventosa é uma MATA HARI do mundo dos mortos, uma emissária que ver apalpar o terreno onde terá lugar a grande manobra que cobre de carne os ossos famélicos, a carne com pele, atravessada por veias que bebem o sangue do chão, as vísceras regressam do nada, ou será oco o anjo por baixo do vestido, uma vez que a reserva de carne subtraída debaixo do chão já não fornece mais corpos, um DEDO PERVERSO que os mortos erguem ao vento contra a polícia do céu, percussora e NOIVA DO VENTO que espalha sobre a carne o vento onde moram os inimigos naturais da ressurreição, um vendaval a entrar pela armadilha, a seta da cortina aponta para a mulher, mesmo o assassino talvez também não seja senão um morto de serviço, cuja missão, secreta, seja o extermínio dos pássaros, o indolente passo de dança anuncia o fim próximo do trabalho, talvez a mulher já se tenha posto a caminho de regresso à terra, prenha do vendaval, do sémen do renascimento das explosões de cadáveres, ossos e esquírolas e medula, a provisão do vento marca a distância entre os fragmentos, dos quais, talvez, quando o ar se tornar respirável e o tremor de terra os disseminar pela pele do planeta, se reúna o TODO, a fecundação do astro pelos seus mortos, o primeiro sinal as nuvens com as armações metálicas, que na verdade são feitas dos nervos que antecedem os ossos, ou de teias de aranha tecidas de tutano, como a trepadeira sem raízes visíveis que se eleva pelo bangalô e ocupa já todo o seu interior até ao tecto, ou o emaranhado de arame das cadeiras, ou a rede que fixa a cadeia montanhosa ao solo, ou tudo é diferente, a rede de aço o capricho de um lápis descuidado que nega a envergadura das montanhas com um sombreado mal executado, talvez a arbitrariedade da composição obedeça a um plano e a árvore se eleve sobre um tabuleiro, com as raízes cortadas, e as outras árvores ao fundo sejam cogumelos estipes singularmente altos, vegetais de uma zona climática que não conhece árvores, como será que o bloco de cimento surge na paisagem, não há qualquer vestígio de transporte ou de veículos, EU DISSE-TE PARA NÃO VOLTARES QUEM ESTÁ MORTO ESTÁ MORTO, nenhuma marca de arrasto, levantado do chão, caído do CÉU, ou descido com uma garra mecânica do ar só respirável pelos mortos, manobrada a partir de um ponto fixo num além a que chama CÉU, será a cadeia montanhosa uma peça de museu, cedida por uma galeria de arte subterrânea, um depósito de montanhas, já que no seu lugar natural atrapalham o voo rasante dos anjos, será o quadro um arranjo experimental, a rudeza do esboço uma expressão de desprezo pelas cobaias homem, pássaro, mulher, a bomba de sangue do homicídio diário, homem contra pássaro e mulher, mulher contra pássaro e homem, pássaro contra

mulher e homem, abastece o planeta com o combustível necessário, o sangue é a tinta com que narra a cores a sua vida de papel, o seu céu também está em risco de anemia pela ressurreição da carne, procura-se: a lacuna no processo, o outro no retorno do mesmo, a gaguez no texto mudo, o buraco na eternidade, o ERRO talvez redentor: o olhar displicente do assassino quando examina o pescoço da vítima sobre a cadeira com as mãos, com o gume da faca, para o pássaro na árvore, o vazio da paisagem, a hesitação antes do corte, o jacto de sangue que o faz cerrar os olhos, o riso da mulher que, por um momento, alivia o estrangulamento, faz tremer a mão que segura a faca, voo picado do pássaro, engodado pelo brilho do gume, o pouso sobre a cabeça do homem, duas bicadas à direita e à esquerda, vertigem e bramo do cego, sangue a espirrar no torvelinho do vendaval que procura a mulher, medo de que o erro aconteça num piscar de olhos, de que a fenda do olho se abra no tempo entre um olhar e outro, a esperança mora no gume de uma faca rodopiando vertiginosamente com crescente atenção, e por isso fadiga, incerteza relampejante na certeza do horror: o HOMICÍDIO é uma troca de sexos, ESTRANHO NO PRÓPRIO CORPO, a faca é a ferida, a nuca o machado, fará parte do plano o controlo falível, a que aparelho estará presa a lente que suga as cores do olhar, em que globo ocular estará estirada a retina, quem OU O QUÊ pergunta pelo quadro, MORAR NO ESPELHO, será

que o homem com o passo de dança sou EU, o meu túmulo o seu rosto, EU a mulher com a ferida no pescoço, à direita e à esquerda nas mãos o pássaro despedaçado, sangue na boca, EU o pássaro que com a escrita do seu bico mostra ao assassino o caminho da noite, EU o vendaval gelado.

DESCRIÇÃO DE UM QUADRO / EXPLOSÃO DE UMA MEMÓRIA / PAISAGEM VIGIADA[1] pode ser lido como um retoque em ALCESTE, que cita a peça KUMASAKA, de Nô, o 11.º canto da ODISSEIA, OS PÁSSAROS, de Hitchcock, e A TEMPESTADE, de Shakespeare. O texto descreve uma paisagem para lá da morte. A ação é livre, já que as sequências pertencem ao passado, explosão de uma memória numa estrutura dramática morta.

1 Os três títulos foram atribuídos pelo autor para três versões/traduções do texto. Correspondem, pela ordem indicada, à versão original, em alemão, e às traduções inglesa e francesa.

AH!
Associação Mural Sonoro
Cç. Santana, 169
1150-303 Lisboa